



Luís
Carlos
de
Oliveira

Calo falo ou

writers

Luís Carlos de Oliveira

Calo ou falo

Primeira edição



**São Paulo
2000**



Projeto cooperativo para produção de obras literárias

Os livros desenvolvidos e executados por este projeto são edições realizadas por um grupo de autores associados. As idéias e opiniões expostas em qualquer um de nossos livros são de responsabilidade de seus autores e não representam o pensamento coletivo do projeto

© Luís Carlos de Oliveira

Capa - Detalhe de “Um inglês em Moscou”, de Kasimir Malivitch, Museu Municipal, Amsterdã

Produção - writers

Endereços eletrônicos

<http://www.writers.com.br>

autores@writers.com.br

Nenhuma parte desta publicação, virtual ou convencional (em papel), poderá ser reproduzida, guardada em disquete ou pelo sistema *retrieval* ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do projeto writers.

Prestigie e valorize os autores brasileiros, não reproduza ou pirateie. Cada reprodução não autorizada priva o autor de seus direitos autorais.

Quem copia, nunca criou nada!

*A meus antepassados,
aos descendentes,
a todos que conectam a eles.*

Prefácio

Eduardo Galeano muito bem apresenta a função da arte: ajudar a olhar! Como filho tateamos a sua mão, na busca do foco melhor para a vastidão.

Pode ser em barro, em barras de ouro, movimento ou cimento; sobretudo em palavras. Quando relacionam-se com o momento vivido, fruto do sentido aguçado, damos-lhe a preferência.

A poesia exige o “nunca” mas diz ser pouco. Do “para sempre” entedia-se e retorna. Passeia ela de mãos dadas com o som, a natureza... mas sendo sempre seu objeto o olho, resumindo nele todos os sentidos.

A função da arte passa pela problemática social a rasgar as velhas formas, os rituais herdados...

Verbo, oração, poema. Palavras que promovem a evolução, oferecendo ao homem a chance de imaginar, de beber a liberdade destilada, pura.

A voltagem é sua característica e dispara raios entre o ilusório e a realidade. Um jeito moleque de brincar, rimas

internas, alegorias de sentidos sugerem-se como a um quebra-cabeças.

As poesias aqui contidas são frutos da coleção começada a alguns anos atrás. As mais velhas tem mais de dez anos. O processo do feitiço foi bastante característico em cada uma, variando de uma simples situação do cotidiano a uma entrega por um raio de tempestade ou sonho. Este processo é interessante à medida que cerca-se do instante, de um fato, de um sentimento ou idéia.

Fascinou-me e espero ter traduzido aos seus olhos, leitores, uma visão no mínimo mais longe da que tinha antes, e agora somada a horizontes outros mais.

Retornando à função da arte espero ter aprendido a falar; desta arte desejo prosperar-me.

A Book

There is no frigate like a book
To take us lands away,
Nor any courses like a page
Of prancing poetry.
This traverse may the poorest take
Whitout oppress of toll;
How frugal is the chariot
That bears the human soul!

Emily Dickinson

Luís Carlos de Oliveira

Lição de Sonho

No céu tem lua crescente
Ocupando com as estrelas o anil.
Vértice de sonhos de boêmios e loucos
Faz com o grilo a noite de brisa fria.

Para que cuidar do rebento a sonhar
Se é ilusão e é tão real? a vida.
Despertado chorará, cansado do recreio.
Pouco lembrará, se fez ou não a lição.

Mas no céu tem lua crescente a cuidar da criança.
Sua miragem é de estrelas no anil.
Despertados estão boêmios e loucos, já sem choro ou
cansaço.

No vértice do sonho, na noite de brisa fria
Está Maria, a lembrar-lhe como em recreio...
E passeia de cena em cena o grilo da lição.

Pé

A unha do dedo maior era grossa.
Um canivete era-lhe exigido a apará-la.
Era grande e branco o pé:
Moldou-o o coturno, a sandália, a vida...
As meias marrons, banhadas de anti-séptico,
Escorregava-o pelo sapato de couro do mesmo tom.
O sapato mirava-se no brilho do olho do menino.
—Quantas vezes o poli!
Deixou pegadas o pé de meu pai.
Foi além de onde o apelo se furta.
Restaurou rotas perdidas, plena de ceifadores de vida,
Até vales e portos repletos de especiarias.
Desbravou a mata, viu o seio da montanha de cobre.
Já sem sorte, a ortopedia não pode classificá-lo.
A paleontologia...um dia...
A poeira e a lágrima, hoje, tentam.
Doze pés levaram-no ao seu último passeio;
Moldava-lhes (aos seis) a morte.

Pare

Limpa menino
O vidro do carro.
Ensaboia, enxágua
A visão embaçada.
Na sinaleira da vida,
Válvula de alívio,
Filtro da sociedade (cidade).

Assim que o sinal abrir
Horizonte mais limpo aparecerá;
Pra você, só depois de molhar,
Com lágrimas,
O pára-brisas do seu olhar.

Prenúncio

Cheia de ninguém
A rua estaria.
Folhas de vento sopravam
Varrendo asas de insetos
Sobre os paralelepípedos;
Aos degraus e batentes de portas
Concorriam e sibilavam.
As cores das janelas estavam fechadas
Ao barro da poeira migrante.
Dos pardais que ainda equilibravam-se no ar
Às andorinhas amotinadas num fio da companhia elétrica,
Lições eram extraídas
Para redações de meninos.
Nas salas, as fotografias de azul emolduradas
Observavam seus netos, com olhar circunspecto,
Como a oferecer um trocado para as bonecas de cerâmica,
Para a coleção de carrinhos de metal...
Promessas ainda presentes
De um carinho ausente.
Um rádio a pilha marcava as horas.
Um relógio a corda cantava o tic-tac.
A gaveta da cômoda abriu-se,
Dela saíram cartas abertas,
Seladas com entrelinhas ditosas.
Achou-se tesoura, lâmpada, botão, irmão
De quando dobrara-se a fralda do tempo.

Calo ou falo

Enclausuradas imagens
Do interior de pessoas
Avessas à emoção,
Vieram junto ao prenúncio
De se semear.
Não soara o trovão.
- Depressão.
Ameaça de chuva,
- Que pena!
Apenas.

José da Tecelagem

Ele perdia-se em que hora soaria o apito da fábrica.
Sabia sim quantos segundos ele iria durar.
José era o dono da fábrica,
Do chão da fábrica, da chaminé,
Proprietário de todos os fardos.
Olhos cerrados para poder ver na poeira,
Surdez necessária para ouvir as batidas das alavancas do
tear,
Sobrancelhas de algodão;
A mente hipnotizada com o ar de corante.
Não faltava um dia de trabalho.
A marmita vinha de menino:
A fome esbarrava no alumínio.
Ele estava diferente ultimamente,
Parado, imaginava...
Estalo!
Correu, mexeu, teceu.
Não era um cobertor mendigo,
Chita (seda),
Nem índigo.
Pano alvo , organdi para enfeitar, não abrigo.
Pagou por ele, com trabalho, alguns dias;
Com moedas alguns meses.
A filha de José nasceu!
A mortalha (toalha) batismal
Serviu-lhe ao orgulho.

Calo ou falo

José era, agora, semelhante a muitos.
Ouvu o apito...
Teve medo!
De ser demitido.

O Cílio

O cílio caiu no papel
Mas antes rondou o céu
Dos grandes olhos que tenho.
Como os cabelos penteiam meus pensamentos
O cílio desemaranhou minhas miragens.
O cílio filtrou o cisco do vento,
Sapecou-se com a luz;
Afogou-se na lágrima salgada
E caiu do céu.
Mas antes de cair no papel
Resplandeceu-se com os grandes sonhos
Que meus olhos querem ver.

Calo ou falo

Barco-íris

Cores, onde guia o pincel?
O remo, a quilha?
Qual a trilha?
Barco-íris, onde vais?
Circunavegar o céu?

Green Peace

É o predador você
o maior deles , homem,
quando expõe sua motosserra,
Desmata.
Deixa-me de frente com o céu;
Sensual e ambiental impacto:
- Deixa- me terra.

Sobre o Autor



Luís Carlos de Oliveira, residindo desde 1984 em Salvador é mineiro de Sra. dos Remédios. Antônio Cândido e Maria Batista de Oliveira deram-lhe vida no terceiro dia do mês de fevereiro do ano de 1965. É pai de Shaiana Fraga Oliveira. Estuda Ciências Contábeis na Universidade do Estado da Bahia.

Bandeira , Drummond, Neruda, Dickinson, Coralina são alguns de seus prediletos em poesias. Estudou Inglês por cinco anos e admira a versatilidade do Esperanto. Recebeu o Prêmio Santo Amaro de Literatura/Poesia 97(pelo conteúdo da obra) sendo publicado em “De Corpo Inteiro”/ Art-Contemp Editora, uma de suas poesias - “O Cílio” .

Vem publicando algumas de suas poesias na Internet enquanto aguarda a melhor oportunidade de editar.

Seu website - <http://www.geocities.com/Athens/Agora/5477>. Possui algumas poesias editadas por amigos na Internet:

*Revista Eletrônica Proa da Palavra
<http://www1.zaz.com.br/proa>*

Página da Aline

<http://pessoal.mandic.com.br/~alenik/>

Caqui

<http://www.kakinet.com/caqui/graffiti.htm>

Refúgio da Poesia

<http://www.terravista.pt/Guincho/2482/luiscarlos.html>

Página da Tatiana Vacanti Mattos

*[http://adriनावacanti.eti.br/tati/novos autores/
luiscarlos.htm](http://adriनावacanti.eti.br/tati/novos autores/luiscarlos.htm)*

Página da Serpente - Agostina Akemi Sasaoka

<http://www.intertrash.com/users/serpente/toca.html>

As poesias aqui contidas são frutos da coleção começada a alguns anos atrás. O processo do feitiço foi bastante característico em cada uma, variando de uma simples situação do cotidiano a uma entrega por um raio de tempestade ou sonho.

O título “Calo ou Falo” repete o título de uma das poesias e sem interrogar autosugere uma resposta. É verbal porém pode num plano outro ser substantivado.

Os temas variam da sinaleira de trânsito à fábrica de tecidos; da própria árvore genealógica aos metapoemas; do futebol à cidade que nos faz menino. Poesia digital e urbana tanto quanto os nossos dias.